

O PROCESSO DA DESCOLONIZAÇÃO

em Angola

DOIS MISSIONÁRIOS

DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

FORAM ASSASSINADOS PELOS NEOCOLONIALISTAS CUBANOS

A política anti-portuguesa da "Propaganda Fidei" — expressa por pensamentos, palavras e obras — e não só da "Propaganda Fidei", mas ainda por alguns dos Pontífices que ocupam ou ocuparam a cadeira de Pedro, o primeiro Papa — **et super hanc petram edificado eclaesiam mean** — foi um dos factos e uma das atitudes mais contundentes para os católicos portugueses, durante as últimas décadas. Enquanto muitos soldados da Nação **Fidelíssima** morriam, eram mutilados ou feridos nas frentes de combate que o terrorismo internacional lançou em territórios ultramarinos de Portugal, o sucessor de Pedro, fazendo tábua rasa, dos altos serviços prestados à civilização e à missionação, recebia os chefes ou as cúpulas do terrorismo internacional e incentivava-os à pátria e continuidade de seus crimes. Porque outra coisa não era a incentivação à prática e continuidade desses crimes, o apoio moral então prestado aos dirigentes do P.A.I.G.C., do M.P.L.A. e da F.R.E.L.I.M.O.. É evidente que, uma coisa é a Igreja de Cristo, e outra a política da Santa Sé. Católicos somos. Mas isso não significa que aceitemos, a frio e em contentamento, essa política, o seu desenvolvimento e as suas consequências — cujos resultados estão à vista. Para a Santa Sé e para Portugal. A perseguição aos missionários já começou nos antigos territórios portugueses. O sangue de mártires já começou a correr nas escaldantes plagas africanas; a expulsão de elementos destacados da hierarquia também é do conhecimento público. Os primeiros frutos do proteccionismo da política da Santa Sé ao terrorismo foram já colhidos. Sua Santidade o Papa reinante pode, desde já, meditar nos exemplos de que deve ter conhecimento. Deus, que nos há-de julgar a todos, também julgará o Seu representante da Terra.

Tornamos, aqui, público, um documento humano sobre o martiriológico de dois Padres missionários que exerciam o seu munus em Angola, numa acção civilizacional e cristianizadora, com raízes seculares. Para o conhecimento de todos. E para meditação de quem queira meditar. Sobretudo para aqueles sacerdotes que não negaram o auxílio e a cobertura da acção terrorista que, então, se processava contra Portugal e contra os portugueses...

UM RELATÓRIO ESCLARECEDOR

“Assassinaram o Padre Martinho e o Irmão Afonso Rodrigues.”

A notícia, na sua crua brutalidade, chegou-me sob a forma de boato-interrogação, na manhã de quinta-feira, dezoito de Março, pelas onze da manhã.

Pergunto-me a mim mesmo se será possível e porquê, sobretudo em Caconda, no caminho todos os dias percorrido pelos soldados das FAPLAS, nativos e cubanos, portanto região considerada limpa e sem perigo.

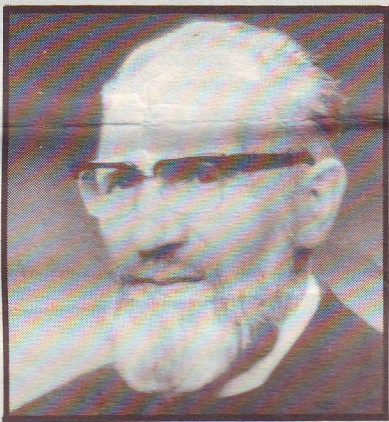
Rapidamente foi programada uma visita à Missão, para informações certas, quaisquer que elas fossem, pois nada mais pernicioso que o boato, a deprimente incerteza dos acontecimentos. Procurar obter uma Guia de Trânsito, encontrar combustível contando já com o regresso, e às oito da manhã de

sábado, acompanhado pelo Padre Bongo e irmã Benigna, de S. José de Cluny, eis-nos rumo a Caconda onde chegámos, sem acidentes, por volta das dez horas.

Ao desembocar frente à Missão logo lobrigámos a porta de um escritório aberta, numa calma absoluta, que tanto podia significar o pior como o melhor. Por momentos, julgámos que mais um boato iria ser desfeito, e dentro em breve teríamos a alegria de abraçar os confrades.

Estávamos enganados, infelizmente. A triste notícia recebeu confirmação logo que o Padre Sousa nos apareceu e se alguma dúvida ainda pudesse restar, lá estava a série de buracos na parede da varanda e corredor a atestar a infausta ocorrência.

Foi de sua boca que ouvimos o relato



PADRE MARTIN THYSSEN

dos acontecimentos em que também foi protagonista, conseguindo escapar não sabe como, quando também a ele as balas assassinas procuraram, rai-vosas, sibilando em sua volta, sem terem, no entanto, podido morder a sua carne.

Mas relatemos os factos, tal como puderam ser reconstituídos, logo que a calma voltou, uma calma cristã de consciência em paz, de homens e mulheres que sabem que estão no posto que o Senhor lhes confiou.

A ENCENAÇÃO DO CRIME

Por volta do meio-dia de terça-feira, dezasseis de Março, na Missão Feminina, sita a uns quinhentos metros da Masculina, apareceu um indivíduo preto fardado e armado que, depois de ter deambulado para trás e para diante, disse querer falar com as Irmãs, pois pretendia internar umas crianças, suas sobrinhas, e que na aldeia estavam passando mal, dado serem órfãs.

Como se chegasse à conclusão de que se tratava de rapazes, a Superiora informou que deveria dirigir-se à Missão Masculina, tanto mais que as crianças de oito e dez anos, respectivamente, estavam em idade escolar.

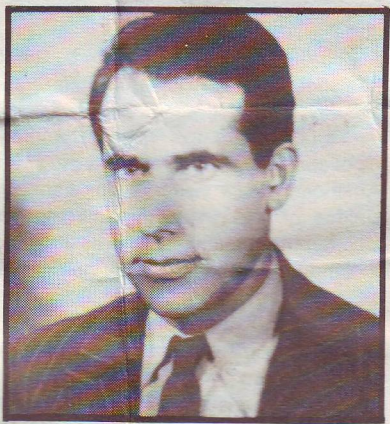
Conversa puxa conversa e a determinado momento a Superiora estranhou que o seu interlocutor, sendo angolanó como afirmava, falasse tão mal a sua língua, recebendo como explicação o seguinte:

"Estive ausente em Cuba quinze anos e esqueci um pouco" (Sic). Em seguida pediu e comeu nêsporas de uma árvore próxima e despediu-se, encaminhando-se em direcção ao Dispensário-Hospital, desapareceu na mata que cerca a Missão.

15 horas e trinta. No pátio da Missão, entre a casa de habitação e as escolas em frente à pequena varanda da residência, um indivíduo fardado e de arma em bandoleira pede para falar com um Padre. Avisado o Padre Sousa, que no escritório trabalhava com um Catequista Geral e dois ou três alunos, aparece, ao mesmo tempo que convida o seu interlocutor a subir os poucos degraus de acesso à varanda, pois chovia bastante.

O visitante expõe o assunto que ali o levava. Tinha dois sobrinhos que desejava intemar na Missão, dado que na aldeia estavam em dificuldades.

Sem dúvida que será possível, responde o Padre Sousa, que para ultimar o assunto, foi, acto contínuo, chamar o Irmão Afonso Rodrigues, encarregado deste sector da vida da



IRMÃO AFONSO RODRIGUES

Missão e que se encontrava no seu quarto, ali a poucos metros de distância.

Quando regressou com o Irmão estranhou o facto do indivíduo em questão ter descido as escadas e se encontrar no pequeno patamar inferior, mas não teve tempo para mais, pois que este, de repente, lhes apontou a G-3 com que estava armado, ao mesmo tempo que, aos gritos, exigia a presença do outro Padre.

MAIS DOIS NOMES PARA O MARTIRIOLÓGICO DA IGREJA DE CRISTO

Padre Martinho, que se encontrava no seu quarto de trabalho, vem ver o que se passa e, mal aflora à pequena varanda, os primeiros tiros partem, atingindo-o, levando-o na queda a precipitar-se na relva, dois metros mais abaixo.

O assassino não se detém, continua a disparar e é a altura do Irmão ser atingido, enquanto o Padre Sousa corre a procurar refúgio, perseguido pelas balas raivosas que buscam o seu corpo, sem que todavia o tenham atingido; a meia dúzia de impactos na parede do corredor por onde se esgueirou são a prova insofismável das intenções do atacante.

No refúgio precário onde se acoitou, Padre Sousa ouve os últimos disparos, aqueles com que o assassino calou para sempre a voz dos que ferira gravemente, acabando-os, friamente, com tiros à queima-roupa.